



XXIV Festival de teatro de Almada

A irracionalidade da guerra

Ifigénia

por Ana Bigotte Vieira

A irracionalidade da guerra

Ifigeneia (Ifigénia), de Finn Iunker

Verk Produksjoner – Noruega

Encenação: Frederik Hannestad

Intérpretes: Anders Mossling, Saila Hyttinen, Hakon Mathias Vassvik, Thea Danielsen FjØrtoft, Solveig Laland Mohn, Per Platou

Cenografia: Signe Becker e Verk

Luz: Nora Hagen

Música: Per Platou

Dramaturgia: Anders Paulin

Assistência de vídeo: Joachim Hamou

Fotos: Solveig Laland Mohn

A partir da história de *Efigénia em Áulis* – tragédia Euripídica cuja temática é o sacrifício de Ifigénia pelo seu pai, Agamémnon, em troca de vento para que os gregos possam navegar até Tróia –, **Finn Iunker**, um autor já encenado em Portugal por António Simão (*O Atendedor de Chamadas*, Culturgest, 1999; e *Peça Alter Nativa*, Teatro de Inverno/Centro Cultural de Belém, 2004), já publicado na *Revista dos Artistas Unidos*, e que colaborou na escrita de *Conferência de Imprensa e Outras Aldrabices*, escreveu a farsa política *Ifigeneia* que o grupo Verk Produksjoner, um colectivo de actores oriundos dos países nórdicos levou à cena sábado, dia 14 de Julho, no Fórum Romeu Correia.

Umhas folhas coladas com fita-cola, um pano onde está escrito a caneta de feltro «Theatret», sobre o qual são projectadas imagens de filmes, duas cortinas precárias e meia dúzia de objectos de pouco valor constituem uma espécie de colagem/*découpage* que enquadra toda a acção do espectáculo e que compõe o

facto, a encenação de Fredrik Hannestad caracteriza-se por um tom burlesco/grotesco com o qual um grupo de *clowns* trágicos vai displicentemente reconstruindo os acontecimentos ocorridos em Áulis, procedendo a uma aguda crítica da irracionalidade da guerra, da sua completa falta de sentido.

O admirável texto de Finn Iunker, onde mais uma vez se parodiam os heróis e mitos ocidentais (o coro grego foi aqui substituído por duas raparigas loiras e *sexys* que vieram para o acampamento militar «engatar» soldados), é-nos aqui narrado através de alguns mecanismos do excesso, de uma representação em estilo de teatro performativo onde as personagens se sujam, molham e esborratam as maquilhagens, onde o cheiro a cerveja e a vinho entornados invade a plateia.

Sendo uma proposta que tem alguns traços de género em comum com grupos como [Forced Entertainment](#) ou mesmo com o [Teatro Praga](#) e tendo uma inegável qualidade de representação, o espectáculo parece, porém, pecar ligeiramente por excesso, um excesso de irracionalidade e de representação burlesca que pode ter a sua razão de ser numa crítica total da guerra e do ambiente de acampamento militar que se vive em Áulis nas vésperas da partida para Tróia.

Para este grupo, que afirma que as suas representações pretendem «*questionar o teatro e o Mundo*», este espectáculo insere-se numa estratégia de crítica ao estado actual do mundo, à irracionalidade das escolhas políticas e à violência fundadora do direito, porque afinal, como diz Agamémnon, «*vai-se para Tróia para ir buscar uma mulher e destruir uma civilização*». Seja o que for que isso signifique.

sexta-feira 13 de Julho de 2007